

A GRANDE VIAGEM !...

RUMO À GUERRA COLONIAL EM MOÇAMBIQUE !...

PAUILA !... POR FIM, NA LINHA DA FRENTE!...

CAMARADAS, AMIGOS E COMPANHEIROS DE SEMPRE!...

É VERDADE!... Faz HOJE precisamente, 50 anos!... (05/03/2020 – 05/03/1970)

Depois do DESFILE de DESPEDIDA na linda cidade de **VIANA DO CASTELO**, que teve lugar no dia 02/02/1970, no dia seguinte: 03/02/1970, à noite (22H00), como sempre convinha aos “Senhores da Guerra”, depois de nos despedirmos de familiares, namoradas e amigos, entrámos no comboio que nos transportou até **LISBOA**, à Gare Marítima de Alcântara.

Após as sempre impressionantes e emocionantes DESPEDIDAS, tendo como pano de fundo os gritos de uma imensidão de lenços brancos a acenar, a bordo do grande transatlântico **VERA CRUZ** e com a lotação esgotada – íamos lá perto de 2.000 homens –, largámos de LISBOA, a velha capital do (dito) Império, da Gare Marítima de Alcântara, por volta das 12H00 de **04 de FEVEREIRO de 1970**.

[E, ao fazê-lo, fixei por breves instantes a estátua do Cristo Rei, lá ao fundo à esquerda, na margem Sul e (embora não sendo muito “religioso”, como “mandam” certas normas dos homens...) prometi-Lhe que ia fazer os possíveis e os impossíveis para trazer **vivos** todos os homens da minha Companhia e, como tal, que Ele desse também a Sua ajuda!...]

E, afinal, todos regressámos **vivos**!... Embora muitos deles bastante maltratados, quer física, quer psicologicamente!...

Nos primeiros dois dias, com o balancear do VERA CRUZ, entre a proa e a popa, comecei a enjoar um bocado, o que, devo dizer, não é nada agradável!... Então ao almoço e ao jantar, era um tremendo de um sacrifício pois, no salão de 1ª classe não facilitavam, e tínhamos que ir sempre fardados a rigor, com gravata “apertadinha” e tudo... e a transpirar por todos os poros...

É que numa grande mesa ao nosso lado iam o Comandante de Bandeira e os Responsáveis Primeiros dos Batalhões que, de quando em vez, remiravam o pessoal, nomeadamente visando o ... garbo no “atavio” (onde é que eu já ouvi esta?...)... Mas a “coisa”,... passados os primeiros dois dias, felizmente, normalizou.

Fizemos em 08/02/1970 (domingo), escala em **CABO VERDE**, na Ilha de São Vicente - cidade do MINDELO, onde fomos recolher um material que outro barco com “problemas” a bordo, lá deixou.

Aqui chegados, o nosso amigo Alferes Medina Correia teve a amabilidade de (qual ilustre e sabido cicerone) nos ter “mostrado” (de carro, claro) os recantos mais significativos dessa sua linda cidade e, no final dessa visita, nos ter presenteado e

deliciado em sua casa, com uma excepcional e caprichada “cachupada” que, com a cumplicidade da sua simpática Família, solenemente nos brindou!...

Seguiu-se, no dia 14/02/1970 (sábado), **ANGOLA**, isto é, a grande, bonita e airosa cidade de **LUANDA**, onde fiquei verdadeiramente encantado com aquela inesquecível “entrada” na sua linda baía, vista e admirada da proa do VERA CRUZ !... Aquela incomparável marginal, a perder de vista, com as suas bem tratadas palmeiras, os seus encantadores jardins, miríades de esplanadas, a ilha... que continua a ser uma das coisas bonitas que vi em toda a minha vida!...

Aqui pudemos apreciar o grande calor humano das pessoas com quem contactámos!...

É que os **luandenses** tiveram a “Guerra” mesmo dentro de portas (o que já não acontecia na capital de MOÇAMBIQUE, cujas frentes de combate estavam a cerca de 2.000 quilómetros a Norte, que levava o pessoal de lá a esquecer-se de que lá havia mesmo uma Guerra, o que, manifestamente, fazia toda a diferença...)!...

Também jamais posso esquecer a delicadeza e carinho demonstrados por um conterrâneo do meu querido amigo Alferes Carvalho, que fez questão de nos convidar para sua casa, onde nos confrontámos com todos aqueles “mimos africanos” com que fomos brindados e, depois, nos “mostrou”, também de carro, claro, toda a LUANDA e arredores!...

Infelizmente, aqui não me pude encontrar com o meu prezado amigo e ilustre Trofense, também Alferes miliciano Carlos Manuel Balsemão de Campos, que lá estava, também, cumprindo a sua Comissão de serviço militar e, gorado o nosso encontro, teve a grande amabilidade de subir ao camarote dos Alferes de PAUÍLA e lá me deixar, em cima da minha cama, uma grata mensagem de felicidades para a minha/nossa Guerra em MOÇAMBIQUE que muito me sensibilizou. Uma vez mais: obrigado amigo Carlos.

E a viagem continuou...

Largámos LUANDA e bordejámos, ainda que ao largo, a costa de ANGOLA, onde ainda de longe divisámos o casario das cidades do LOBITO e BENGUELA, a que se seguiu o Sudoeste Africano e a África do Sul. Depois de, quase lá no “fundo” de ÁFRICA, avistarmos ao longe a Cidade do Cabo e dobrarmos o (dito) “Cabo das Tormentas”... que, por sinal, até estava bem calminho, começámos a flectir à nossa esquerda e lá fomos divisando ao longe as cidades sul africanas de “Port Elisabeth”, e “Durban”, chegando, dias depois, à então à capital da Província, isto é, a **LOURENÇO MARQUES!**...

“Acontecimento” que me inspirou, para dar à estampa algumas “sextilhas”...

.....

« LOURENÇO MARQUES, por fim,

Estava já fora da mim,

Enjoei, passado o Cabo!...

Mas, como qualquer marujo,

Foi na Rua do Araújo,

Que melhorei um bocado!... »

.....

Sim!... Em **21/02/1970** (sábado), aportámos, por fim, às calmas águas da baía de **LOURENÇO MARQUES!**...

A bela, moderna e cosmopolita capital da Província do Índico, extremamente plana e quase como que riscada a régua e compasso; muito bem arejada, “rasgada” por largas, extensas e ajardinadas avenidas a perder de vista, regurgitando de gente moça, vestida de cores garridas e salpicada por imensas esplanadas!... Em suma, uma autêntica “Metrópole” subsariana, onde ninguém “pensava” na existência de uma GUERRA que, ferozmente, se desenrolava a cerca de 2.000 quilómetros a norte, e onde os nossos bravos Soldados, OBRIGADOS, lutavam, eram feridos, sobreviviam e morriam, naquela maldita Guerra sem qualquer sentido!...

Mas o nosso (triste...) destino, ditado pelos “Senhores da Guerra”, ainda estava a 2.000 quilómetros para Norte, no interior puro e duro de um enigmático NIASSA Ocidental, 200km a Norte de Vila Cabral, a capital do tal distrito do NIASSA – *só este distrito tem uma área superior a 40.000 km² do que PORTUGAL CONTINENTAL* –, já relativamente perto da fronteira tanzaniana... e a igual distância do Lago Niassa.

Seguiram-se depois a **BEIRA** (a grande, forte e pujante, mas algo desconjuntada 2ª cidade da Província), **NACALA**, o grande porto de águas profundas e também “terra” dos Paraquedistas, subimos a **PORTO AMÉLIA**, a capital de CABO DELGADO, onde admirámos a sua enorme e ainda “selvagem” baía, e descarregámos “material”, regressando de novo a **NACALA** e, na tarde de **28/02/1970** (sábado), depois de termos recebido o “armamento” [*onde teve lugar um caricato episódio, solenemente protagonizado pelo 1º Cabo Enfermeiro Soares, conhecido depois em todo o Niassa pelo sugestivo nome de Dr. Bocas,...* por motivos óbvios, que, em vez de ter ido receber o armamento como todos, resolveu dar um mergulho nas límpidas águas do Índico, saltando da popa do Vera Cruz!... “Cena” que, por pouco, não levou o nosso Capitão António Rocha a perder a cabeça...], abandonámos, por fim, o VERA CRUZ, para dar lugar aos “VELHINHOS” que, de tez escuro-esverdeada e todos esfarrapados, aguardavam ansiosamente esse grande transatlântico para os trazer de regresso à (então, dita) Metrópole, finda a sua “Comissão”!...

[Por feliz coincidência, destes felizardos faziam parte uns meus amigos e camaradas da TROFA, que eram os Furriéis milicianos: Norberto Oliveira (de Finzes), Mário Abreu (do Paranho) e José Faria (da Esprela). O meu amigo Augusto Calheiros – Operador de TRMS – ainda fez o percurso Nacala-Porto Amélia-Nacala comigo, a bordo do Vera Cruz, mas esse ainda lhe faltavam 4 meses para passar à “peluda”... e ia passá-los mais a Sul]

E aí, sim!...

Levámos, dos “VELHINHOS”, já a bordo do **VERA CRUZ**, a maior e mais estrondosa “vaia” das nossas vidas!...

- CHECAS!... IDE PARA O MATO, MALANDROS!... (Bis, Bis, Bis,...)

É que, segundo versão corrente em MOÇAMBIQUE, nomeadamente entre os “Velinhos”, **CHECAS** eram os que chegavam de novo à Província, sem conhecer o “terreno” e, como tal, eram considerados pior que **TURRAS, ou terroristas!**....

Bem!... Era connosco!... Nós eramos realmente os CHECAS!...

[Sim!... Aqueles que acabavam de chegar!... E, como tal, iriam, durante a tal “Comissão” de 2 longos, duros e pesados anos, ser carne para canhão e, assim, contribuir para que alguns Oficiais de alta-patente enchessem os seus ombros de amarelos!... E para que, nos (ditos) “heroicos” 10 de Junho, o velho “almirante”, solenemente acolitado pela incondicional e servil pandilha pudesse, depois do garboso desfile na Praça (dita) do Império, saborear as apetitosas lagostas, lautamente regadas com uns frescos, macios, frutados e aveludados Bucelas dos anos trinta, servidos em vistosos decanters de cristal, por reluzentes criados de libré!...].

A seguir, o VERA CRUZ deu três graves e sonoros “roncos” e começou a afastar-se lentamente do cais, seguindo nós, tristes e em silêncio, todos os seus movimentos até ele desaparecer naqueles longes sem fim!...

Imagem que, para todo o sempre, permanecerá nas nossas retinas!...

Depois de nuns frios, enormes e inestéticos barracões termos “comido” qualquer coisa, rumámos, então, para a **estação ferroviária de NACALA**.

Tempos depois, entrámos num enorme **“TRANSAFRICANO”** que, de “Rebenta Minas” à frente – não fosse o diabo tecê-las –, num imenso percurso de cerca de 800 km, nos iria levar das lindas praias do Índico (atravessando quase todo o Norte de Moçambique) até **VILA CABRAL**, a capital do distrito do NIASSA, já relativamente próximo do Lago do mesmo nome.

Estávamos, pois, QUASE a chegar à “nossa” GUERRA em MOÇAMBIQUE!...

Deixados para trás o VERA CRUZ, os “VELHINHOS” [que regressavam, por fim, à então (dita) Metrópole e a suas casas e suas Famílias (de onde nunca deviam ter saído...)], as límpidas e cálidas praias do ÍNDICO, entrámos, por fim, no grande “TRANSAFRICANO”, já as sombras da noite há muito tinham abraçado NACALA!...

[Estes nossos “encontros” com as sombras da noite, pareciam perseguir-nos...

Saímos de VIANA DO CASTELO pela calada da noite (para não darmos nas vistas)... agora entrámos no “TRANSAFRICANO” já noite alta!... (porque... sim...)!... e haveríamos de aterrar, volvidos dois longos, duros e pesados anos, no aeroporto de Figo Maduro, na capital do “Império”, pela noite calada (como convinha...)!...]

À frente e acoplado à potente máquina, por uma sempre recomendável e prudente questão de segurança, seguia o célebre (e reconfortante...) “rebenta minas”.

Lá nos instalámos, o melhor que pudemos, pelas inúmeras carruagens daquele soturno comboio (qual “Expresso do Oriente”...), de G3 aperradas, com os “canos” voltados para fora!... e lá nos fomos revezando, para, de quando em vez, podermos passar docemente pelas brasas...

Uns riam!... uns cantavam!... outros contavam estórias!... outros ainda, absortos, como que... ausentes, olhavam para... nada!... Poucos conseguiam, verdadeiramente, pegar no sono!...

Perante a imensa escuridão, no limpo céu daquela misteriosa África subsariana avultavam miríades de estrelas, onde as mais notadas eram, sem dúvida, o Cruzeiro do

Sul e as Três Marias!... Que saudades então senti da “nossa” Ursa Maior e da Estrela Polar!...

- Meu Alferes, ainda falta muito para chegarmos?... inquiria-me, provocador, esse bravo limiano (de Fontão) e “meu” 1º Cabo António Rocha (o “Falseta”), empiscando para o seu grande amigo e “meu” bazuqueiro Durães!...

- Não!... Estamos quase a chegar!... Vê lá se descansas um bocado que, daqui a pouco, vais ter mesmo de acordar... para ir empurrar o comboio numa grande subida que dentro de momentos nos vai aparecer!...

- Aldra!... lança do lado o “Pai da Gaja”!... isto é, o 1º Cabo Manuel Fernandes... um duro transmontano de Ribeira de Pena que, sonolento, seguia sentado ao lado do forjanense Constantino Casal e do 1º Cabo Castro, de Lanheses, que se viria a tornar no fotógrafo oficial de PAUÍLA!...

- Descansem lá um bocado e deixem, sobretudo, descansar quem mais precisa...

- Pessoal!... Tá a “xonar”, diz um pouco à frente o meu querido amigo Alferes Carvalho, preparando-se também para fazer isso mesmo...

Bastante cansado, aproveitei a onda, e passei então também eu por umas reconfortantes brasas... com o pensamento a milhares de quilómetros de distância!...

Quando acordei, já os primeiros alvares da manhã nos chegavam das bandas do Oriente!...

Passávamos então **NAMIALO**, com imensos miúdos africanos, seminus, saltando por entre o capim e saudando e remirando, de soslaio, aquele comboio enorme, cheio de “rapazes” novos, todos vestidos da mesma cor esverdeada... e com umas coisas “esquisitas” apontadas para fora!...

Seguiu-se **MECONTA** e, daí a pouco, apareceu a bonita e regurgitante (principalmente de tropas...) cidade de **NAMPULA**!...

A terceira cidade de MOÇAMBIQUE, depois de Lourenço Marques e da Beira. Capital de Província e importante centro agroindustrial e comercial. Cidade nova, que sofreu um grande incremento com a... Guerra!... Que também regurgitava de movimento e de gente nova, entre cafés, restaurantes e estabelecimentos comerciais os mais diversos.

No entanto, a presença do “Feijão Verde” (vulgo: Nossas Tropas...) era uma constante naquela nova e modelar cidade do planalto!... Dobrava-se uma esquina e “dava-se” de caras com 1 Coronel, 2 Capitães e 4 Alferes; na seguinte, com 2 Sargentos e 4 Furriéis; a seguir, 4 Cabos e 6 Soldados!... Digamos que foi uma cidade, em grande parte, “feita” pelas NT (Nossas Tropas)!...

Foi aqui que, por fim, se veio instalar o **Quartel General e o Comando-Chefe** que, incompreensivelmente e até há bem pouco tempo, se encontrava sedado em LOURENÇO MARQUES, a quase 2.000 km das frentes de combate!... De onde (do ar condicionado...) “comandavam” as Operações...

Era o mordazmente apelidado: “**Comando à distância**”, lá no bem-bom das Praias da Polana!...

Gostei muito de NAMPULA, uma moderna e arejada cidade de planalto, repleta de recentes e bem “riscadas” ruas, avenidas e jardins, com um moderno casario. Sentia-se o pulsar da vida!...

E constatava-se, à vista desarmada, que o ambiente da cidade era acolhedor.

Aqui passámos umas boas horas, onde almoçámos e veraneámos por ruas, jardins e esplanadas. Mas, contrariamente ao que esperava, não encontrei por lá ninguém conhecido.

Ao cair da tarde, o comboio, sempre com o duro sentido do “dever”, apitou três vezes, chamando-nos à razão e, embora contrariados, lá abalámos, a caminho da estação.

Seguiu-se **RIBAUÉ**, onde estava alguma malta do Batalhão que íamos render a **MACALOGÉ**, depois **MALEMA** e **NOVA FREIXO**, onde flectimos para a direita e começámos a subir em direcção ao **CATUR**, sendo o nosso comboio o primeiro a fazer a ligação do **CATUR** a **VILA CABRAL**, a capital do distrito do NIASSA, onde chegámos ao cair da tarde de 3ª Feira, dia **03/03/1970!**...

VILA CABRAL é uma pequena cidade, capital da província do NIASSA, situada na região planáltica do NO de Moçambique, a cerca de 1.300 metros de altitude e a cerca de 60 km do Lago Niassa. Era um centro agro comercial, com uma potencialidade que lhe advinha, agora, da ligação directa por caminho de ferro ao Índico, em Nacala.

É uma cidade pequena, também “riscada” a régua e compasso, onde estava sediado o Hospital, para onde vinham as “evacuações” do mato,... o Palácio do Governador, o Comando de Sector, o AM61 da Força Aérea, etc. etc. ...

Demos a volta à cidade em pouco tempo e lá fomos jantar, “principesicamente”,... ao incontornável “Planalto”!...

Como não quis abandonar os “meus” homens, pernoitei com eles e, graças à “grande” qualidade... dos aposentos (?)... quase não pregámos olho!...

No dia seguinte, 4ª Feira (**04/03/1970**), encavalitados com sacos e malas em fortes Berliets-Tramagal, tomámos contacto directo com as celebérrimas **PICADAS do Niassa** de que tanto tínhamos ouvido falar!...

Os “velhinhos” que nos faziam a escolta, “feitos” com uns seus camaradas, simularam, ao contornarmos uns morros, uma emboscada, mandando de lá de cima uns tiros... e lá foram os CHECAS (que éramos nós!...) de corninhos para o chão!...

Como nessa altura nos sobrevoaram 4 bombardeiros: 2 FIATS (ultra rápidos) e dois T6 (muito mais calmos, velhinhos e contemporâneos da Guerra da Coreia...), a coisa... acalmou e, já com melhores cores, regressámos às viaturas e retomámos a marcha!...

Mas a nossa malta logo desconfiou da marosca... Era, afinal, a nossa “praxe”!...

Tempos depois passámos por **UNANGO**, onde ficaram os nossos camaradas da **C. CAÇ. 2668**, com as “ditas” da Brigitte lá no altaneiro monte!...

É claro que, atendendo à época que atravessávamos, também nos iniciámos nos ultra famosos “atascanços”!...

Um pouco à frente e a meia dúzia de km de MACALOGÉ – sede do Batalhão –, depois de um grande “atascanço”, teve lugar o celebérrimo episódio a que dei o nome

de: **HISTÓRIA DE CHECAS E VELHINHOS**, protagonizados por mim e pelo meu prezado e querido amigo Alferes NEGRÃO - sapador “velhinho” do Batalhão que íamos render...

Resolvido o impertinente “atascanço”, conseguindo, com pedras e paus, desenterrar, assim, a rodas das viaturas, seguimos viagem, chegando, por fim, a **MACALOGÉ** – a tão ansiada sede do Batalhão –, já a enigmática e misteriosa noite africana tinha abraçado, havia tempos, por Terras de Sanga!...

Fomos recebidos com pompa, circunstância e demais honras, na Messe de Oficiais, pelo comando, oficialato e demais chefias do Batalhão que íamos render e, depois do lauto e “apimentado” jantar – onde tiveram lugar os sempre “apropriados”, aguerridos e algo “patrióticos” discursos, nomeadamente o brilhante “improviso” do nosso comandante Tenente-Coronel Luís Viegas do Carmo Neves (quando rapou do papel... e o começou a ler...) –, teve lugar o “nosso” célebre **BAPTISMO no BATALHÃO do PIPO!**... onde o nosso comandante teve que ingerir, de uma só vez, um “copo de três”, cheio até aos taipais, de “Água de Lisboa”, como por lá se apelidava a... **AGUARDENTE!**...

O senhor (que Deus tenha) ficou mais vermelho que as “Papoilas Saltitantes” do nosso Glorioso, e dos seus olhos saíram lágrimas em catadupa!...

O comandante do Batalhão que íamos render, Coronel Aires de Abreu (alto e magro de carnes, a fazer-me lembrar um velho coronel inglês), para o acalmar e sossegar as hostes... fez a mesma coisa, só que, em vez de um, ingeriu dois copos seguidos e sem pestanejar!... E ficou como se nada fosse!...

Uma vez mais, era a experiência da “velhice” ante a “chequise” dos que acabavam de chegar, ainda sem a forte pedalada dos “velhinhos”!...

Finda a emblemática “Cerimónia”, com repercussões por todo o Niassa e África Subsariana... demos cabo do conteúdo do célebre PIPO!...

Para “restabelecer” os níveis líquidos, fomos seguidamente dar uma volta ao aquartelamento e, quando chegámos aos nossos quartos, como se diz em gíria, foi tiro e queda!... Dormimos todos que nem pedras!...

No dia seguinte, isto é: no dia **05/03/1970 (5ª Feira)** – faz hoje precisamente **50 anos!**... –, após o pequeno almoço tomado, de novo encavalitados em esforçadas Berliets, tomámos o rumo de **PAUÍLA**, o nosso destino na Província, que consistia num excelso e afamado “Resort de Veraneio” nos confins do Alto Niassa, onde não passou Cristo ou, se alguma vez o fez, nunca mais lá mandou os fiscais!...,

Percorridos uns 45 kms da serpenteante Picada, onde foram postos à prova os nossos dons de equilibristas, ultrapassámos o que restava da velha Ponte sobre o Rio Moola, já que a nova, um pouco acima (denominada: “**Ponte Alferes NEGRÃO**”), ainda não estava pronta.

Volvidos mais 16 km e depois de uma grande descida e de uma íngreme subida em frente, virámos ligeiramente à direita, passando ao lado de um enorme mangueiral, onde manadas de elefantes, diariamente, repartiam montanhas de mangas com o pessoal, a que lha éramos perfeitamente indiferentes... **e, por volta das cinco horas da tarde, uma tarde tipicamente africana, entrámos, por fim, em PAUÍLA!**...

[O nosso fim de linha!... Onde a nossa Companhia (C. CAÇ. 2669) iria permanecer durante uns longos, difíceis e pesados 18 meses e onde comemos o pão que o diabo amassou!...]

Fomos extremamente bem recebidos pelos “velhinhos”, que logo nos vaiaram, como habitualmente, com aquela célebre frase: “**IDE PARA O MATO, MALANDROS**”!...

Como era da “Praxe”, também aqui levámos um grande “banho” de CHECAS!...

Fizeram-nos as Honras da Casa o Capitão miliciano (portuense) TRINDADE e o Alferes miliciano (bracarense) NUNO SOARES.

[Entretanto, na Sala dos Sargentos, o Furriel Enfermeiro “Velhinho”, rapou da sua viola, e dedicou ao “nosso” Furriel Enfermeiro MATIAS, que o ia render, o Fado do CHECA, do qual vou reproduzir a 1ª Sextilha, com “música” do “Povo que lavas no Rio”:

.....

«CHECA que vens pró NIASSA,

Descansa que o tempo passa,

Não vale a pena chorar!...

Checa querido e desejado,

Não fiques desesperado,

Porque o tempo há-de passar!... »

.....

Depois, aí sim!... Devidamente instalados, de um bom e retemperador banho, bem comidos e bem bebidos, cerca da meia noite, no fim de uma longa e fraternal cavaqueira com os “velhinhos”, abandonámos o “Parrot” e, ao entrar no nosso flat (que fino...), ouvimos pela 1ª vez, para os lados do Nascente, uns gritos impressionantes, que nos disseram ser habituais e que eram das hediondas hienas, lá prós lados do “Reimba-o-Malho”, nos dando também as “Boas Vindas”!...

Caímos na cama – naquelas frias e inestéticas camas metálicas – e, despreocupadamente, dormimos que nem uns santos!...

Tínhamos, por fim, chegado a PAUILA e à GUERRA EM MOÇAMBIQUE!...

A TODOS os meus prezados CAMARADAS, AMIGOS e COMPANHEIROS DE SEMPRE, da “minha” C. CAÇ. 2669 e do “meu” B. CAÇ. 2908, o meu mais sentido e fraternal abraço.

Àqueles que já infelizmente nos deixaram, e já tantos foram, curvo-me muito respeitosamente perante as suas memórias, na certeza de que enquanto por “cá” andarmos, serão sempre por nós lembrados, com a maior ternura e carinho.

AMÂNDIO MEIRA

(Ex. Alferes Miliciano de Infantaria, da C. CAÇ. 2669, do B. CAÇ. 2908)

ANTAS-ESPOSENDE, aos 05 de Março de 2020